

Atualidade de Vigotski

Elizabeth Tunes[★]

Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil / Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

Resumo

No presente texto, discute-se a atualidade da teoria histórico-cultural elaborada por Lev Semionovitch Vigotski entre, aproximadamente, o final da segunda década e a terceira década dos anos de 1900. Adota-se atitude crítica em relação à ideia de que o conhecimento científico tem prazo de validade, procurando-se mostrar que ela decorre do processo de transformação da ciência em mercadoria. Como um contraponto a essa visão, argumenta-se que todo artifício construído pelo homem apresenta algo de permanente, quando transcende a mera funcionalidade das coisas produzidas para consumo. Ou, dizendo em outros termos, tudo o que é singular, de certa forma, tem permanência no mundo.

Palavras-chave: conhecimento científico; teoria histórico-cultural; prazo de validade.

Vygotsky in present days

Abstract

In this paper, we discuss the topicality of the cultural-historical theory developed by Lev Semionovitch Vygotsky approximately between the end of the second decade and the third decade of the 20th century. We adopt a critical attitude towards the idea that scientific knowledge has an expiration date, and we seek to show that this idea emerges from the transformation of science into a commodity. As a counterpoint to this view, we argue that every device built by man presents something permanent which transcends the mere functionality of things produced for consumption. In other words, we argue that all that is singular, in a way, has permanence in the world.

Keywords: scientific knowledge; cultural-historical theory; expiration date.

Na sociedade contemporânea, voltada ao desiderato do consumo interminável, o principal critério de utilidade é o tempo ou, corriqueiramente falando, o prazo de validade. Desde o leite nas prateleiras do supermercado aos livros na estante, tudo é julgado pelo tempo de existência. Quanto mais velho, pior.

Aproximadamente há 30 anos, começou-se a assistir, no Brasil, à ascensão da popularidade de uma teoria e de um teórico no âmbito da educação e da psicologia. Ao final dos anos de 1970, início de 1980, aqui começaram a se difundir as ideias de Vigotski e de seus discípulos, conhecidas sob o rótulo de perspectiva histórico-cultural da psicologia.¹ Essa perspectiva foi conhecida aos poucos e, por vezes, sofreu deformações em função de traduções descuidadas somadas ao gosto ideológico de seus consumidores (ver PRESTES, 2010). No início, com a desconfiança de todos, ficava à sombra de outro teórico bastante popular – Jean Piaget. Logo, no entanto, ultrapassou-o, sendo recitado como um cânone da educação. Sobrepujou Piaget em termos de popularidade, porém convive com ele, amiúde, com aproximações teóricas apressadas que causam bastante estranheza aos que se aprofundam em seu estudo.

A popularização de teorias e teóricos no âmbito da psicologia e da educação faz lembrar o consumo de roupas e produtos de beleza. Usa-se o que está na moda. O produto desgasta-se não pelo uso, mas por uma simples convenção de que saiu da moda. Ele não perece. Fica retido em um armário qualquer, à espera sabe-se lá do que.

Esse tratamento cosmético dado à teoria tornou-se possível, na contemporaneidade, graças à criação de uma nova mercadoria fictícia: o conhecimento. Silva (2005) demonstra como, além do trabalho, terra e dinheiro, é criada, na contemporaneidade, uma nova mercadoria fictícia – o conhecimento científico – e examina suas implicações para a organização do mundo contemporâneo. Diz ela:

A transformação atual, entendida como informacionalização da produção, caracteriza-se pela migração da indústria para os serviços, processo que se encontra em fase adiantada nos países mais desenvolvidos. A produção de conhecimentos, ou a produção industrial e agrícola informacionalizada, é o setor produtivo mais proeminente na economia global, demonstrando a importância da mercantilização do conhecimento para o mundo contemporâneo. [...] a causa da criação da ficção mercadoria conhecimento relaciona-se à necessidade intrínseca do capital de expandir-se. Caso não seja satisfeita essa necessidade, o sistema entra em colapso (SILVA, 2005, p. 7).

A expansão a que se refere a autora significa ampliação permanente do consumo e, diante da ameaça ao crescimento do capital pela finitude de recursos, ela afirma que produzir bens imateriais – como o conhecimento – é a solução.

Tratado como mercadoria, não é de se estranhar que também se aplique ao conhecimento científico o critério do prazo de validade. Talvez, esse critério esteja na base da queda de popularidade de um autor e sua teoria. Teria sido isso o que aconteceu a Piaget, no campo da educação e da psicologia? Será que isso também ocorrerá à perspectiva histórico-cultural liderada por Vigotski?

[★]Endereço para correspondência: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Campus Asa Norte – ASA NORTE. CEP: 70000-000 - Brasília, DF – Brasil. E-mail: bethunes@gmail.com

¹Outras designações, a meu ver, imprecisas, são também bastante conhecidas e difundidas no Brasil. A esse respeito é importante consultar Prestes (2010).

Uma teoria com prazo de validade?

Vigotski começa sua produção científica, propriamente dita, no campo da educação e da psicologia na década de 1920. Portanto, são aproximadamente 90 anos passados desde suas primeiras formulações teóricas e muitos desses anos guardaram sua obra no limbo por razões, de certo modo, conhecidas. A chegada de suas ideias ao ocidente aconteceu, portanto, longos anos após sua produção. Apesar disso, elas aqui aportaram e encontraram terreno fértil. Hoje, é significativamente grande o número de pesquisadores, no mundo, que nelas se inspiram para realizar suas investigações. Isso por si só atesta tanto o vigor quanto a atualidade de seu pensamento.

Todavia, no Brasil, começam a aparecer sintomas de que a sua teoria começa a ter o prazo de validade vencido. Não tem sido incomum ouvir de profissionais que atuam no ensino e na pesquisa universitária a afirmação de que suas ideias estão ultrapassadas e devem ser substituídas por outras mais atuais. Será que é válido dizer que uma ideia, um pensamento, uma teoria é ultrapassada? A resposta a essa pergunta dependerá, conforme será mostrado adiante, do modo de relação que se estabelece com o conhecimento.

Ao discutir a questão da durabilidade do mundo, Hannah Arendt (2001, p. 149) afirma que a infinita variedade de coisas feitas pelo *homo faber*, se devidamente usadas, não desaparecem, emprestando “ao artifício humano a estabilidade e a solidez sem as quais não se poderia esperar que ele servisse de abrigo à criatura mortal e instável que é o homem”. Por serem duráveis, são relativamente independentes do homem que as fabrica e utiliza e, nesse sentido, estabilizam a vida humana: “sua objetividade reside no fato de que [...] os homens, a despeito de sua contínua mutação, podem reaver sua invariabilidade, isto é, sua identidade no contato com objetos que não variam, como a mesma cadeira e a mesma mesa” (ARENDT, 2001, p. 150).

A autora ressalta que as coisas feitas pelo homem podem ter valor, seja de uso ou de troca, entendendo por valor: “uma ideia da proporção entre a posse de uma coisa e a posse de outra no conceito do homem” (ARENDT, 2001, p. 177). Afirma, entretanto, que o artifício humano, embora não se consuma, desgasta-se com o uso, isto é, sua durabilidade não é absoluta. Em outras palavras, o uso desgasta a durabilidade do artifício humano (ARENDT, 2001, p. 150).

Arendt admite haver objetos feitos pelo homem que não têm qualquer utilidade e, dada a sua singularidade, não são intercambiáveis (somente podem ser apreçados de modo arbitrário), ou seja, não têm valor de troca, nem valor de uso – uma obra de arte não é, propriamente, “usada”. Segundo ela, a arte sobreviveu à sua separação da religião, da magia e do mito. Assim, a suma permanência das obras de arte torna-as

[...] as mais intensamente mundanas de todas as coisas tangíveis; sua durabilidade permanece quase isenta ao efeito corrosivo dos processos naturais, uma vez que não estão sujeitas ao uso por criaturas vivas – uso que, na verdade, longe de materializar sua finalidade inerente (como a

finalidade de uma cadeira é realizada quando alguém se senta nela), só pode destruí-la. Assim, a durabilidade das obras de arte é superior àquela de que todas as coisas precisam para existir; e através do tempo, pode atingir a permanência (ARENDT, 2001, p.181).

Continuando o seu raciocínio, a autora diz que algo de permanente é inerente a todas as coisas como coisas, pois tudo o que existe, necessariamente, aparece e se o faz é por ter “forma própria; portanto, não existe de fato coisa alguma que, de certo modo, não transcenda o seu uso funcional” (ARENDT, 2001, p. 186). Isto é, “a singularidade de uma obra”, ao permitir-lhe transcender o uso funcional, confere-lhe algo de permanência no mundo. Vale a pena, como conclusão, citar palavras da autora:

O mundo de coisas feito pelo homem, o artifício humano construído pelo *homo faber*, só se torna uma morada para os homens mortais, um lar cuja estabilidade suportará e sobreviverá ao movimento continuamente mutável de suas vidas e ações, na medida em que transcende a mera funcionalidade das coisas produzidas para o consumo e a mera utilidade dos objetos produzidos para o uso. (ARENDT, 2001, p. 186-187)

Não se põe qualquer dúvida em relação à originalidade da obra de Vigotski. Além disso, ela é extensa e cobre áreas nevrálgicas da psicologia e da educação. Ele tratou sistematicamente da relação pensamento e fala, da origem e desenvolvimento das funções psíquicas superiores, com destaque para a sua ontogênese, da psicologia do adolescente, da psicologia da arte, das emoções, do problema da consciência e com regularidade maior que tudo, das questões ligadas ao desenvolvimento atípico e à educação da infância defectiva. Com rigor metódico, sistematizou suas ideias em todas essas áreas, entre outras, oferecendo contribuições originais para questões da maior importância para a psicologia e a educação.

Teorias vigorosas e singulares como a de Vigotski, por tudo que se disse antes, não têm, certamente, prazo de validade. Mesmo que sua teoria venha a perder popularidade, permanecerá no mundo. Sobre ela pode-se dizer que “serve de abrigo à criatura mortal e instável que é o homem”, como disse Arendt (2001, p. 150). Todavia, as teorias, mesmo que vigorosas e singulares, podem parecer letra morta se vistas, de acordo com Silva (2005), como a ciência do final do século XX da sociedade de informação e que é fruto de profundas transformações devidas à mercantilização do conhecimento, que introduziu, no fazer ciência, a prioridade das requisições utilitárias. A esse respeito, diz Feyerabend, (1985, p. 291):

Em oposição à sua predecessora imediata, a ciência de fins do século XX pôs de lado todas as pretensões filosóficas e tornou-se poderoso negócio que dá forma especial à mentalidade dos que a ela se dedicam. Bom salário, boa posição frente ao chefe e aos colegas, na “unidade” que formam, tais são os principais objetivos dessas formigas humanas que se mostram insuperáveis em solucionar minúsculos problemas, sem, contudo, serem capazes de compreender qualquer coisa que lhes transcenda o domínio de competência.

A ciência de Vigotski: enraizamento na cultura

O início da carreira científica de Vigotski dá-se nos primeiros anos da grande Revolução Russa, o que, entre outros fatores, foi decisivo para definir o seu modo de fazer ciência, diferenciando-o, marcadamente, do modo ocidental. Quem mostra isso é Alexander Romanovich Luria (1902-1977), seu colega e colaborador, ao fazer uma avaliação pessoal da psicologia soviética:

Ao comparar minhas experiências com as de psicólogos ocidentais e americanos, há uma importante diferença. Muitos psicólogos europeus e americanos possuem destacados dons pessoais. Como todo bom cientista, eles têm sua cota de descobertas importantes. Mas a maioria deles passou sua vida num ambiente comparativamente tranquilo, em câmara lenta. Suas histórias refletem o curso de seu trabalho, bem como as pessoas e eventos que os modelaram: seus pais, professores, colegas e os assuntos intelectuais a que se dedicaram. Seu trabalho como estudiosos consiste em fazer pesquisa e, vez ou outra, deslocar-se de universidade para universidade (LURIA, 1979, p. 17).

No lugar de uma carreira disciplinada, num ambiente de tranquilidade, a geração de Luria teve a atmosfera de uma sociedade em rápidas transformações: “Toda a minha geração foi inspirada pela energia da mudança revolucionária – a energia liberada que as pessoas percebem quando fazem parte de uma sociedade que é capaz de fazer um progresso tremendo num curto espaço de tempo” (LURIA, 1979, p. 17). Nessa sua obra, Luria fala das fortes emoções e sentimentos que tomaram conta de sua geração, das muitas oportunidades de agir além do círculo restrito de amigos e parentes e destaca o fato de que, pela primeira vez, então, na Rússia, as pessoas podiam escolher suas carreiras, a despeito de suas origens sociais. O clima emocional e de entusiasmo que descreve faz lembrar a obra de John Reed (s/d), *Os dez dias que abalaram o mundo*, que, a propósito, foi resenhada e elogiada por Vigotski (1988). Conforme aponta Prestes (2010), na década de 1920, época de intensa produção vigotskiana, os esforços concentravam-se no que era posto na ordem do dia pela Revolução. Era um período de transição e ainda travava-se muita luta interna. A dura realidade que o país enfrentava realçava os problemas urgentes que deveriam ser resolvidos. A necessidade da colaboração de todos impunha, por isso, um clima de intensa liberdade e autonomia intelectual

A ciência de Vigotski foi desenvolvida num ambiente de trabalho com muito entusiasmo e com enorme compromisso de reconstruir a psicologia para o novo homem e para a nova sociedade que emergia. Esse compromisso implicava, de um lado, o domínio do conhecimento existente até então. Assim, o grupo que ele liderava estudava diligentemente autores como Kurt Lewin, Stern, Bühler, Köhler, entre muitos outros que, segundo Luria (1979), eram praticamente desconhecidos dos psicólogos norte-americanos. Além disso, Vigotski insistia que todo o trabalho de pesquisa em psicologia não deveria divorciar-se do mundo real, mas focalizar, prioritariamente, “os problemas centrais da existência humana” (LURIA, 1979, p. 53), tal como vividos na escola, no trabalho e em outros contextos da vida humana.

Conforme mostra Silva (2005), o verdadeiro conhecimento científico resulta de um diálogo autêntico travado com o real e é enraizado uma vez que é indissociável da realidade pessoal de quem profere o discurso científico. A ciência de Vigotski é, assim, enraizada no tempo e na cultura: para fazê-la, ele partia do homem social concreto e a ele se dirigia. Como bem destaca Zinchenko (1999), ele não era um mero administrador da ciência, era um cientista livre que proferia suas próprias ideias e julgamentos e, mesmo após o colapso da ideologia comunista, em 1991, não deixou de ser importante: “Vigotski é toda uma época de nossa psicologia, não pelo fato de que sua teoria seja ‘onipotente porque é a verdade’, mas porque é inteligente, cultural, histórica e, conseqüentemente, sempre atual e interessante” (ZINCHENKO, 1999, p. 4).

A atualidade das ideias de Vigotski atesta-se, ainda, pelo fato de estas ideias inspirarem um grande contingente de estudiosos e pesquisadores, convidando-os e desafiando-os a pensarem a psicologia e a sua relação com a educação sob perspectivas e possibilidades ainda não realizadas. As pesquisas a seguir apresentadas são testemunho do que se acaba de dizer.

Referências

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Tradução de Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenber. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
- LURIA, A. R. *The making of mind: a personal account of Soviet Psychology*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- PRESTES, Z. R. *Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil - repercussões no campo educacional*. 2010. Tese (Doutorado)– Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- REED, J. *Dez dias que abalaram o mundo*. Tradução de Horácio de Melo. Rio de Janeiro: Calvino, s/d.
- SILVA, G. T. *Sobre raízes e utopias: caminhos contemporâneos do desenvolvimento situado*. 2005. Tese (Doutorado)– Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- VIGOTSKI, L.S. Recension del libro de John Reed, Diez Días que Conmovieron al Mundo. In: _____. *El desarrollo cultural del niño y otros textos inéditos*. Buenos Aires: Almagesto, 1988. p. 97-103.
- ZINCHENKO, V. P. Foreword. In: VYGODSKAIA, G. L.; LIFANOVA, T. M. Lev Semenovich Vygotsky. *Journal of Russian and East European Psychology*, v. 37, n 2, 1999. p. 3-12.

Recebido em: 29 de agosto de 2013

Aceito em: 12 de novembro de 2014